



A PROMOÇÃO DO ESPÍRITO DESPORTIVO NO TREINO DE JOVENS ATLETAS

O presente texto foi originalmente publicado com a seguinte referência bibliográfica:

- Silva, P. (2004). A Promoção do Espírito Desportivo no Treino de Jovens Atletas. Revista Treino Desportivo Especial, 5.

“(...) a Ética é a única substância capaz de conduzir o Desporto a diferenciar-se do combate agressivo em que tantas vezes degenera freneticamente, justamente porque convida os seres humanos a interrogarem-se acerca do que vale mais, do que é melhor que se faça na vida, ou seja a necessidade de ajustar o comportamento a valores positivos e a normas que sempre são a expressão daqueles, para que se não renuncie à distinção entre o bem e o mal e, assim, por consequência, se evite o rumo conducente a uma indiferença forjada do caos moral em todas as actividades humanas”

L. Araújo (1990, pp. 43).

1. Introdução

“Um trabalho, que se centra acima de tudo, no domínio dos princípios e dos valores da Ética, não é um trabalho fácil. O modo como actualmente muita da prática do Desporto é vivida e é mediatizada junto dos cidadãos aumenta essa dificuldade” (Gonçalves, 1990b, pp.1 – Nota de Abertura).

Ainda assim, o desporto, pela sua natureza e pelo seu conteúdo, afirmava Roberto Carneiro (1990, pp. 8), à data Ministro com a tutela do Desporto, no Seminário Internacional Espírito Desportivo, contém o antídoto mais poderoso contra alguns vícios, excessos e abusos, no quadro do conceito mais amplo do que é o fair-play, na medida em que “ensina muito de importante para toda a vida: a prossecução de objectivos; a tenacidade e a perseverança; o espírito de sacrifício e a resistência à adversidade; o respeito dos outros e de si próprio; o valor da saúde; a capacidade de entreatajuda e o trabalho em equipa; a solidariedade; o propósito de se melhorar constantemente; a competição leal; a rejeição da batota; a disciplina e o método; o saber ganhar e o saber perder; e tantos outros elementos que poderia continuar a referir e citar”.

Segundo Bryne (1999, in Adelino, Vieira & Coelho) “Em si o desporto não é bom nem mau. Os efeitos positivos e negativos associados ao desporto não resultam da participação em si, mas da natureza da experiência vivida. Frequentemente chegamos à conclusão que um elemento importante na determinação da natureza daquela experiência é a qualidade da liderança dos adultos que a dirigem”. Sabendo que o fenómeno desportivo desempenha no crescimento e desenvolvimento da população infanto-juvenil, e consequentemente no desenvolvimento de um país, um papel de vital importância e relevância, é fundamental garantir que esse papel tem uma ponderação positiva.

O Espírito Desportivo, entendido como um código ético de valores, atitudes e comportamentos, é um factor que tem merecido uma reduzida preocupação por parte de professores e treinadores, no processo educativo e formativo dos jovens (Gonçalves, 1988).

A partir deste enquadramento, procura-se neste artigo identificar o Espírito Desportivo, alguns aspectos críticos relativamente às atitudes e comportamentos que o promovem, avançando com algumas sugestões relacionadas com a aplicação prática destes princípios orientadores em contexto de treino de jovens atletas.

2. Espírito Desportivo e Desenvolvimento do Carácter – Uma Caracterização

Na bibliografia consultada aparecem vários termos com um “espírito” semelhante a Espírito Desportivo. Esses termos vão desde o português desportivismo, aos anglo-saxónicos *fair-play* (com e sem hífen), *sportsmanship* e *sportspersonship*. No âmbito deste artigo considerar-se-ão todos estes termos como sinónimos e será utilizado o primeiro: Espírito Desportivo.

Segundo Weinberg e Gould (1995) não existe uma definição universalmente aceite de Espírito Desportivo, isto deve-se, entre outros factores, aos comportamentos associados ao Espírito Desportivo estarem dependentes da modalidade desportiva, do nível de prática e da idade dos praticantes. Ainda assim, o Espírito



Desportivo é geralmente definido por um conjunto de princípios genéricos, algo vagos (Coelho, 1990). Silva (2000) elenca 18 definições e considerações, no âmbito do Espírito Desportivo, presentes na literatura. Reproduz-se aqui a definição do International Council of Sport Science and Physical Education (ICSSPE) (1988; in Gonçalves, 1990a, pp.88) pela sua pertinência e objectividade. O Espírito Desportivo caracteriza-se pelo respeito por cinco princípios fundamentais:

- Respeitar os regulamentos;
- Respeitar os oficiais de jogo, aceitando todas as suas decisões;
- Respeitar os adversários;
- Demonstrar uma preocupação pela igualdade de oportunidades entre os competidores;
- Manter permanentemente a sua própria dignidade.

Decorrente da caracterização de Espírito Desportivo, podemos, segundo Gonçalves (1988), extrair basicamente três motivos acerca da sua pertinência:

- Delimita-o enquanto conceito psicológico, determinando de modo preciso os comportamentos que lhe estão associados;
- Enquadra-o como uma atitude activa e não passiva, isto é, clarifica a noção de que demonstrar Espírito Desportivo é mais do que um conjunto de atitudes através das quais o praticante evita utilizar processos ilegais para se superiorizar ao adversário;
- Enquadra-o como sendo uma atitude conducente a um comportamento.

Paralelamente, a psicologia do desporto utiliza e adapta ainda algumas definições de desenvolvimento do carácter, consciência moral e comportamento moral. Segundo Weinberg e Gould (1995), desenvolvimento moral é basicamente o mesmo que desenvolvimento do carácter, mas sem as conotações religiosas, sendo assim o conceito mais lato. Podemos dizer que o desenvolvimento moral é o processo de experimentação e de crescimento através do qual um indivíduo desenvolve a consciência moral. Por sua vez, consciência moral será o processo de decisão através do qual se atribui um juízo de valor a uma acção. Por fim, comportamento moral é a execução de uma acção da qual fizemos um juízo de valor.

A consciência moral é resultado não só das experiências do indivíduo, bem como do crescimento psicológico e do seu desenvolvimento cognitivo e julga-se que orienta o comportamento moral. Entende-se por consciência moral uma série de princípios éticos que sublinham actos de desportivismo em situações específicas (Weinberg & Gould, 1995).

3. Espírito Desportivo e Consciência Moral – Atitudes e Comportamentos Promotores

Não havendo consenso sobre como as atitudes e comportamentos associados ao Espírito Desportivo se desenvolvem, segundo Weiss e Bredemeier (1991, in Weinberg & Gould, 1995) existem duas perspectivas que são neste momento as mais aceites:

- Teoria da Aprendizagem Social, e;
- Teoria Estrutural-Desenvolvimental.

Existem muitas variantes de uma visão da aprendizagem social relativa ao desenvolvimento moral (Bredemeier & Shields, 1993). Todas estas diferentes perspectivas partilham algumas ideias. De um modo geral, vêem o desenvolvimento moral como aceitação das normas e regras sociais (Romance, Weiss & Bockoven, 1986). Outro ponto em comum, é o facto de o nível de comportamento moral que um indivíduo demonstra estar directamente relacionado com o seu passado de aprendizagem, ou seja, um indivíduo comporta-se tão moralmente quanto aprendeu a comportar-se desse modo.

O facto de estar definido socialmente aquilo que se entende por comportamento moral, dá assim ao comportamento moral um carácter relativo e dependente do grupo social a que se refere será outro aspecto comum.

Na perspectiva da segunda teoria mencionada anteriormente, a mesma defende que alguns valores morais como a vida, a propriedade, a sinceridade, liberdades civis, a consciência, regras e leis, filiação, autoridade, contrato e confiança são reconhecidos universalmente como importantes (Kohlberg, 1976; in Bredemeier &



Shields, 1993). O conteúdo do pensamento moral é feito na esfera destes valores morais. Ainda assim, por vezes o conteúdo destes valores podem colidir entre si. Bredemeier e Shields (1993, pp. 589) dão a este propósito, como exemplo, uma situação em que um jogador é solicitado pelo treinador para que viole uma regra. Neste caso a autoridade (do treinador) colide com o valor de cumprir as regras (do jogo).

Postula ainda que com o desenvolvimento da maturidade moral, a consciência e o discernimento evoluem de decisões centradas nos interesses do eu, para uma preocupação com os interesses de todos os envolvidos, desenvolvimento este que está dependente da capacidade de pensamento abstracto de cada indivíduo (Weinberg & Gould, 1995).

4. Desenvolvimento do Carácter – Alguns Aspectos Críticos

A noção de que o desporto desenvolve o carácter está presente no popular ideal *mens sana in corpore sano* (Horne, Tomlinson & Whannel, 1999).

Alguns aspectos decisivos para o desenvolvimento do carácter e do Espírito Desportivo pelo envolvimento no desporto e na actividade física, devem ser considerados na sua promoção. Este processo, de acordo com Martens (1982, in Weinberg & Gould, 1995) é imperfeito, na medida em que não é possível uma taxa de sucesso absoluta. Ter consciência de tal facto permite encarar com optimismo este processo não obstante de eventuais contratemplos.

Serão abordados em seguida alguns destes aspectos, nomeadamente: a função do treinador, as suas atitudes e valores no desenvolvimento do carácter dos seus praticantes, o papel da vitória e como tornar o comportamento moral transferível da vida desportiva para a vida “real”.

4.1. A Função do Treinador Enquanto Agente de Socialização e as Suas Atitudes e Valores

Ser ou não tarefa de professores e de treinadores o ensino de valores morais aos jovens é não só questionado por Weinberg e Gould (1995), como é amiúde assunto de discussão no nosso país. Se por um lado, o ensino de uma moral religiosa deve ser da responsabilidade das famílias e das respectivas instituições religiosas, é nossa convicção de que a educação de princípios e valores básicos do carácter como a honestidade, a empatia e a capacidade de resolver disputas de um modo cordato, devem ser devidamente promovidas, na medida em que se sabe que os treinadores influenciam, intencionalmente ou não, esses mesmos valores (Ping, 1993, Weinberg & Gould, 1995).

“De todas as figuras que intervêm na prática desportiva, uma adquire, (...) pela natureza e implicações da sua intervenção, relevo particular no que se refere à formação, desenvolvimento e promoção do Espírito Desportivo: o treinador” (Gonçalves, 1998, pp. 178). Wandzilak, Carroll e Ansoorge (1988) desenvolveram um estudo neste âmbito, que não sendo estatisticamente relevante é motivador.

O facto dos treinadores gozarem, perante os seus praticantes, de uma credibilidade e de uma lealdade superior à que é geralmente dispensada a qualquer outro modelo social, motiva, segundo Anshel (1986, 1990, 1991; in Serpa, 1995), que os treinadores se assumam como os principais reguladores do comportamento dos seus praticantes.

Gonçalves (1997) e Serpa (1995, pp.21) constataam que “as decisões dos treinadores, sendo muitas vezes aleatórias e em função das próprias interpretações e atitudes, interferem profundamente na vida desportiva e pessoal dos desportistas que orientam, daí resultando consequências positivas ou negativas para estes”. “O desporto tem a grande capacidade de produzir rufias e malfetores, bem como bons cidadãos e santos” (Evans, 1994; in Horne, Tomlinson & Whannel, 1999, pp. 154).

Com este quadro em mente devem os treinadores ter o cuidado de não só ensinarem e promoverem os princípios e valores do Espírito Desportivo, como de o praticarem em todas as situações (Gonçalves, 1990c). Utilizando uma expressão anglo-saxónica extremamente pertinente neste caso devem *not only talk the talk, but also walk the walk*.



Na sequência do que foi dito e na antevisão do que se expressa no ponto que se segue, será interessante analisarmos algumas considerações feitas por quem vive o fenómeno desportivo por dentro: treinadores e praticantes.

Membros da Selecção Nacional de Cadetes de Basquetebol (in Adelino, 1990, pp. 45) (acerca de um determinado comportamento associado ao conceito de Espírito Desportivo, mas que prejudicaria a equipa):

- Se eu fizesse isso, o treinador dava cabo de mim;
- Prof. o mundo é uma selva, só se salvam os mais fortes.

Treinadores de Jovens (Puig, 1995; in Cruz, 1998, pp. 259):

- Temos de ter em atenção que os jovens não se esquecem de jogar para ganhar, por causa dos esforços para promover o Fair Play.
- Não transmiti nada à minha equipa sobre os esforços para promover o Fair Play, porque tínhamos boas hipóteses de nos tornarmos campeões da nossa liga, e tive receio que os meus rapazes sabendo dos esforços em favor do Fair Play, se inibissem de fazer uma ou outra falta necessária.
- O Fair Play recebe demasiada importância. Eu sou pago e estou comprometido para ter sucesso e não posso desta forma levar em atenção os esforços para promover o Fair Play. Quando um avançado vai a correr demasiado rápido, eu não espero que o meu defesa coloque o avançado no chão, mas uma “falta humana” é com frequência falada. Por exemplo, quando um defesa bloqueia um avançado que não tem a posse de bola; é sempre uma situação razoável, e não tenciona atingir a sua integridade física. Nesta situação contudo, espero que o meu jogador faça falta, o que por um lado é anti desportivo, e também sancionado pelas regras, mas por outro lado, é também de alguma forma inteligente. Se este caso fosse menos frequente, o futebol seguramente perderia muito.

Jogadores Juvenis de Futebol (Puig, 1995; in Cruz, 1998, pp. 259):

- Seguramente devemos pensar sempre na outra equipa e no árbitro, mas por vezes têm de existir faltas. Não se pode perder o jogo por causa de se ser justo.
- Para mim Fair Play significa jogar de forma correcta. No entanto, eu seria provavelmente incorrecto se esperassem isso de mim.
- Fair Play significa jogar com justiça, não fazer uma falta intencionalmente a não ser que possa evitar um golo recorrendo a uma falta.

Jogadores de Futebol com 12-14 anos (Lenk & Pilz, 1989; in Cruz, 1998, pp. 260):

- Fair Play significa apenas jogar injustamente quando é necessário.
- Fair Play significa enganar o adversário de uma forma justa.
- Fair Play significa jogar com dureza e com habilidades, mas não frequentemente, porque assim já não é Fair Play.
- Fair Play significa não fazer falta sobre um jogador sem razão. Numa luta importante e difícil tem de se fazer falta no interesse da equipa, mas não se pode fazer faltas injustas.

Silva (1983), Pilz (1995; in Cruz, 1998) e Cruz (1998), perante este quadro defendem, que do ponto de vista psicológico, para além de campanhas longitudinais, transculturais e de longo prazo que possam e devam ser promovidas, as regras desportivas devem ser alteradas de forma a que se torne disfuncional, em vez de funcional, os comportamentos de violação das mesmas.

4.2. “Vitória” – Uma Faca de Dois Gumes

A propósito do desenvolvimento do carácter a vitória pode constituir-se como uma faca de dois gumes, apesar de em termos de valência ser perfeitamente neutra no desenvolvimento moral (Weinberg & Gould, 1995).

De acordo com Paula Brito (1998), a essência do desporto é a competição, daí a necessidade de uma competição desportiva infanto-juvenil “cujos objectivos e características dominantes sejam construídos a partir dos interesses e necessidades dos praticantes, evitando o predomínio dos interesses dos adultos (treinadores ou pais) ou da modalidade” (CEFD, 1999) e “evitar confrontar as crianças e jovens com uma



prática muito formal, intensa e vincadamente competitiva, visando a construção de resultados a curto prazo, o que conduz, normalmente, a perturbações do desenvolvimento, à diminuição da longevidade das carreiras desportivas e ao aumento da tendência para o abandono precoce” (CEFD, 1999).

A propósito do abandono precoce ou dropout, Gonçalves (1997) faz o levantamento de inúmeras produções escritas, de variadas origens geográficas, onde os treinadores aparecem associados a estes processos (Brettschneider & Sack, 1993; Gonçalves, 1992; Gould, 1984; Gould, Feltz, Horns & Weiss, 1986; Lima, 1989; MacPherson, Marteniuk, Tihanyi & Clark, 1980; Oldenhove, 1993; Orlick, 1974, 1975; Patriksson, 1988; Rowley, 1993; Sisford & Skirstad, 1993).

Os “problemas” aumentam dado que a maioria dos “modelos” veiculados pelos mass media e nomeadamente pela televisão, são atletas de alto rendimento, cujo objectivo, passe a redundância, é um rendimento elevado, com toda a valência negativa que esse facto pode acarretar. “Um país que seja uma fábrica de campeões cria uma ideologia de massas que se baseia no respeito e assunção do mito do campeão. A liberdade da criança não existe pois desde o berço, está condicionada pelos modelos sociais que privilegiam o campeão como modelo social supremo” (Santos, 1990, pp. 155).

Duas realidades diferentes, como são o desporto jovem e o desporto de alto rendimento, não podem ter a mesma ética ou a mesma orientação (Marivoet, 1998).

Devem todos os agentes desportivos perceber que vitória e sucesso não são sinónimos e que o sucesso no desporto infanto-juvenil não se mede pela percentagem de vitórias, sendo também da responsabilidade dos treinadores a transmissão e difusão destas atitudes e dos comportamentos delas decorrentes (Clifford & Feezell, 1997; Gonçalves, 1990c; Martens, Christina, Harvey & Sharkey, 1981).

Em suma, “a prática desportiva de crianças e jovens deve: desenvolver atitudes saudáveis perante a vitória e a derrota, garantindo que estas são encaradas como “faces distintas da mesma moeda”, fundamentalmente através do recurso a duas mensagens: “ganhar não é tudo nem a única coisa” e “perder não constitui obrigatoriamente um fracasso”” (CEFD, 1999).

4.3. Da Prática Desportiva Para o Dia a Dia

A bibliografia que aborda os efeitos da participação dos jovens no desporto, nomeadamente de competição, refere que parte significativa desses jovens o fazem com base nas convicções pressupostas dos adultos dos benefícios consequentes, em termos de comportamentos sociais desejáveis (Eitzer, 1984; Snyder & Spreitzer, 1983; in Gonçalves, 1990d).

Segundo Nuno Grande (1990, pp.20), “o desportista correspondia ao homem, que desenvolvendo aptidões físicas, o fazia segundo um código assente na verdade, na lealdade e na solidariedade”. Tabaku (1998) afirma claramente que a importância do Espírito Desportivo extravasa do campo desportivo, para todos os outros campos da existência dos indivíduos. Contudo, de acordo com Weinberg e Gould (1995), é um mito que as lições e valores aprendidos no campo desportivo se transfiram automaticamente para outros campos., também por não ser possível “uma “Ética do Desporto” à margem de uma ética da sociedade” (Bento, 1990, pp. 27). A este propósito, Shields e Bredemeier (1994) e Gonçalves (1997) indicam a escassa evidência que permite suportar a existência de uma relação positiva entre a prática desportiva e o desenvolvimento de valores éticos onde o Espírito Desportivo prevaleça.

Para que este transfer se concretize é necessário que estes valores sejam explicados e discutidos de que modo podem ser aplicados em situações extra-desportivas específicas. “Não é o confronto, a competição ou o tipo de desporto praticado que determina automaticamente o valor das actividades desportivas para as crianças e os jovens; é antes do mais a natureza das experiências vividas, nessas actividades. São as interações com os pais, treinadores, os professores, os companheiros de equipa, a assistência, que vão determinar se a prática desportiva ajuda ou não a criança e o jovem, a adquirirem uma sã convivência social e desportiva” (Martens 1978; in Gonçalves, 1990a, pp. 90). “Os jogos desportivos , sobretudo aqueles que empenham totalmente o homem, na sua dimensão corporal e espiritual, sendo realizados através de práticas bem disciplinadas e regulamentadas, são considerados óptimos meios de educação e uma verdadeira escola de formação moral,



onde se transmitem valores importantes para a vida, como a lealdade, a generosidade, a solidariedade, a amizade, a compreensão recíproca, etc.” (Costa, 1990, pp.65).

5. Orientações Práticas

Na medida em que a educação de princípios e valores básicos do carácter como a honestidade, a empatia e a capacidade de resolver disputas de um modo cordato, devem ser devidamente promovidas e sabendo que “De todas as figuras que intervêm na prática desportiva, uma adquire, (...) pela natureza e implicações da sua intervenção, relevo particular no que se refere à formação, desenvolvimento e promoção do Espírito Desportivo: o treinador” (Gonçalves, 1998), de que modo pode um treinador de jovens atletas incorporar a para valores do Espírito Desportivo no seu planeamento de treino? Clifford e Feezell (1997) sugerem 20 orientações extremamente simples, práticas, objectivas e pertinentes.

1. SEJA UM BOM EXEMPLO - Lembre-se que as acções falam mais alto do que as palavras. O provérbio “faz o que eu digo, não faças o que eu faço” não se aplica de todo a este propósito, prefira o “*we must not only talk the talk but also walk the walk*”. Admita quando adoptar comportamentos inadequados, não os tente camuflar.

2. ENFATIZE O ESPÍRITO DESPORTIVO DESDE O INÍCIO - A primeira impressão é muito importante e só temos uma hipótese de a causar. Diga quais são as suas expectativas, qual é o seu entendimento sobre os princípios do espírito desportivo e porque é que esses princípios são importantes desde a primeira hora.

3. FALE SOBRE A COMBINAÇÃO ENTRE SERIEDADE E DIVERTIMENTO - Lembre-se que com jovens atletas se formos demasiado sérios provavelmente não respeitaremos o Espírito Desportivo, mas por outro lado se formos demasiado brincalhões, se não respeitarmos o nosso esforço, a nossa dignidade. perdemos os benefícios da competição saudável.

4. FALE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESPÍRITO DESPORTIVO E SUCESSO - Explique aos seus atletas que sucesso não é sinónimo de vitória. Explique-lhes claramente que uma vitória sem Espírito Desportivo, dignidade, honra é “oca” (é um insucesso). Explique-lhes ainda que o respeito pelos princípios do Espírito Desportivo desenvolve hábitos e talentos importantes para o sucesso (no desporto e na vida). Citando o, à altura, Secretário de Estado do Desporto, Júlio Miranda Calha (1998, pp. 48), que dizia que “ganhar hoje sem espírito desportivo é iniciar a derrota de amanhã, dos falsos vencedores mas também de todo o sistema”.

5. USE REGULARMENTE A LINGUAGEM DO ESPÍRITO DESPORTIVO - A linguagem do Espírito Desportivo deve integrar regularmente o seu vocabulário de treinador. Não subestime nunca o poder da palavra.

6. ESPERE O ESPÍRITO DESPORTIVO QUER NOS TREINOS COMO NAS COMPETIÇÕES - O Espírito Desportivo é algo para ser usado todos os dias, não é algo que só usamos nos treinos “entre família” e deixamos em casa nos jogos. Pelo contrário, também não é algo exclusivamente importante para o dia do jogo, deve ser treinado regularmente como qualquer outro aspecto do treino.

7. ESTABELEÇA PARA A EQUIPA REGRAS, COSTUMES, RITUAIS E TRADIÇÕES QUE REFORCEM OS PRINCÍPIOS DO ESPÍRITO DESPORTIVO - Faça com que os seus atletas assumam com naturalidade e espontaneidade comportamentos que reforcem os princípios e valores do Espírito Desportivo, quer através da adopção de regras de conduta, mas também pela instituição de costumes, hábitos (ex.: cumprimentar os adversários e os oficiais de jogo, atirar a bola fora para um adversário ser assistido, devolver a bola ao adversário depois dele ter atirado a bola fora para um meu companheiro ser assistido, reconhecer uma bola fora no ténis ou no voleibol, etc.)

8. ENCORAJE OS SEUS ATLETAS A ADOPTAREM A PERSPECTIVA DOS OUTROS AGENTES DESPORTIVOS - Mais importante do que o lema “faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti”, ensine aos seus atletas a máxima “não faças aos outros o que não gostarias que te fizessem a



ti”. Encoraje os seus atletas a reflectirem sobre o modo como pensam que os árbitros/ dirigentes/ adversários/ (...) os vêem.

9. DESENVOLVA ORIENTAÇÕES CLARAS SOBRE COMO LIDAR COM COMPORTAMENTOS ANTI DESPORTIVOS - Torne claro para os seus atletas, desde o início da época, como vai lidar com a falta de Espírito Desportivo, (que penalidade - ou gradação de penalidades - corresponde a que falta).

10. REFORCE O ESPÍRITO DESPORTIVO - Reforce o espírito desportivo no dia a dia (através de elogios, manifestações de respeito, pela nomeação do capitão de equipa, pela nomeação do responsável pelo aquecimento, ...). Reforce o espírito desportivo no final da época (através da atribuição de prémio específico e/ou como condição *sine qua non* para a atribuição de outros prémios).

11. COMUNIQUE SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ESPÍRITO DESPORTIVO AOS PAIS - No início da época reúna-se com os pais e explique-lhes o valor do Espírito Desportivo. Solicite-lhes apoio no reforço das expectativas que deposita nos seus filhos relativamente ao Espírito Desportivo.

12. COMUNIQUE SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ESPÍRITO DESPORTIVO AOS ADEPTOS - Dê entrevistas (para o jornal da região, para o jornal do clube, para o boletim da secção,...), afixe cartazes, distribua panfletos, use(m) t-shirts... mas passe a mensagem. Dê o exemplo (lembre-se do primeiro conselho).

13. FALE SOBRE NOVAS HISTÓRIAS SOBRE ESPÍRITO DESPORTIVO COM OS SEUS ATLETAS - Fale com os seus atletas sobre situações que ocorram e que sejam do conhecimento geral (seja o golo marcado com a mão do futebolista A, seja o “atleta” B que foi controlado positivamente, seja o ciclista C que esperou pelo adversário depois de uma queda quando ambos discutiam a vitória).

14. FALE SOBRE INCIDENTES ESPECÍFICOS COM OS SEUS ATLETAS - Encoraje os seus atletas a discutirem incidentes que vivenciaram na prática desportiva. Tire partido da situação aproveitando o que for surgindo (nos treinos ou em competição) para discutir Espírito Desportivo com os seus atletas.

15. PROMOVA A REFLEXÃO LEVANTANDO QUESTÕES - Encoraje os seus atletas a pensarem por si próprios, a elaborarem julgamentos ponderados sobre exemplos ou situações que salienta.

16. FALE COM OS SEUS ATLETAS SOBRE A HISTÓRIA DA MODALIDADE - Encoraje os seus atletas a lerem sobre a história da modalidade. Fale com os seus atletas sobre as tradições, inovações e heróis da modalidade.

17. ESPERE QUE OS SEUS ATLETAS CONHEÇAM AS REGRAS - Encoraje os seus atletas a conhecerem as Regras de Jogo. Coloque os seus atletas perante dilemas concretos promova a tomada de decisão.

18. MOSTRE QUE SE IMPORTA – Mostre que o Espírito Desportivo é verdadeiramente importante para si e faça-o não só através de palavras, mas também através de acções.

19. MOSTRE QUE O QUE ESTÁ A ENSINAR É IMPORTANTE - Explique claramente que o que lhes está a ensinar, lhes será importante dentro e fora do campo, que a lealdade, a generosidade, a solidariedade, a amizade, a compreensão recíproca, a capacidade de resolver disputas de um modo cordato, são aprendizagens para a vida.

20. NÃO ESQUEÇA O DIVERTIMENTO - Lembre-se que é apenas um jogo. É a sério, é importante, mas é apenas um jogo. Se ninguém se estiver a divertir, então ninguém está já jogar.



Referências Bibliográficas

- Adelino, J. (1990). *Valerá a Pena Falar de Espírito Desportivo* in Câmara Municipal de Oeiras (Eds.) Actas do Seminário Internacional Espírito Desportivo (pp. 43-48). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras;
- Adelino, J. ; Vieira, J. & Coelho, O. (1999). *Treino de Jovens, O que Todos Precisam saber*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva (Ed.), Secretaria de Estado do Desporto;
- Araújo, L. (1990). *Ética, Sociedade Contemporânea e Desporto* in J. Bento & A. Marques (Eds.) Desporto, Ética, Sociedade - Actas do Forum Desporto Ética Sociedade (pp. 40-45). Porto: FCDEF-UP;
- Bento, J. O. (1990). *À Procura de Referências para uma Ética do Desporto* in J. Bento & A. Marques (Eds.) Desporto, Ética, Sociedade - Actas do Forum Desporto Ética Sociedade (pp. 23-39). Porto: FCDEF-UP;
- Bredemeier, B. J. L. & Shields, D. L. L. (1993). *Moral Psychology in the Context of Sport* in R. N. Singer, M. Murphey & L. K. Tennant (Eds.) Handbook of Research on Sport Psychology (pp. 587-599). New York: Macmillan;
- Brito, A. P. (1998). *Do Fair Play ao Vale Tudo* in Câmara Municipal de Oeiras & Livros Horizonte (Eds.) Desporto de Alta Competição Que Fair-Play? (pp. 265-271). Lisboa: Horizonte;
- Calha, J. M. (1998). *Discurso da Cerimónia de Abertura do III Seminário Europeu Sobre o Fair Play* in Câmara Municipal de Oeiras & Livros Horizonte (Eds.) Desporto de Alta Competição Que Fair-Play? (pp. 47-49). Lisboa: Horizonte;
- Carneiro, R. (1990). *Discurso de Sua Excelência o Ministro da Educação* in Câmara Municipal de Oeiras (Eds.) Actas do Seminário Internacional Espírito Desportivo (pp. 7-9). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras;
- CEFD - Centro de Estudos e Formação Desportiva (1999). *A Cartilha da Prática Desportiva Juvenil*. Portugal: Secretaria de Estado do Desporto;
- Clifford, C., & Feezell, R. M. (1997). *Coaching for Character. Reclaiming the Principles of Sportsmanship*. Champaign - IL: Human Kinetics;
- Coelho, O. (1990). *O Espírito Desportivo e a Formação do Praticante* in Câmara Municipal de Oeiras (Eds.) Actas do Seminário Internacional Espírito Desportivo (pp. 57-61). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras;
- Costa, A. S. (1990). *Repensar a Questão Ética à luz do Fenómeno Desportivo Moderno* in J. Bento & A. Marques (Eds.) Desporto, Ética, Sociedade - Actas do Forum Desporto Ética Sociedade (pp. 60-68). Porto: FCDEF-UP;
- Cruz, J. (1998). *As Regras Protegem o Fair Play no Desporto Profissional?* in Câmara Municipal de Oeiras & Livros Horizonte (Eds.) Desporto de Alta Competição Que Fair-Play? (pp. 251-264). Lisboa: Horizonte;
- Gonçalves, C. A. (1988). O Espírito Desportivo na Formação do Jovem Praticante. *Revista Horizonte*, 28, (Dossier Vol. V);
- Gonçalves, C. A. (1990a). *Espírito Desportivo: Questão de Ética, Questão de Educação* in J. Bento & A. Marques (Eds.) Desporto, Ética, Sociedade - Actas do Forum Desporto Ética Sociedade (pp. 87-105). Porto: FCDEF-UP;
- Gonçalves, C. A. (1990b). *O Espírito Desportivo e os Jovens Praticantes Desportivos*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras;
- Gonçalves, C. A. (1990c). *O Espírito Desportivo como Factor de Educação* in Câmara Municipal de Oeiras (Eds.) Actas do Seminário Internacional Espírito Desportivo (pp. 13-26). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras;
- Gonçalves, C. A. (1990d). *Percepção e Influência dos Agentes de Socialização no Desporto Para Jovens*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras;
- Gonçalves, C. A. (1997). *O Pensamento dos Treinadores sobre o Espírito Desportivo na Formação dos Jovens Praticantes*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (2ª edição);
- Gonçalves, C. A. (1998). *O Espírito Desportivo e o Processo de Formação do Jovem Praticante* in Câmara Municipal de Oeiras & Livros Horizonte (Eds.) Desporto de Alta Competição Que Fair-Play? (pp. 173-180). Lisboa: Horizonte;
- Grande, N. (1990). *Investigação, desporto e Ética* in J. Bento & A. Marques (Eds.) Desporto, Ética, Sociedade - Actas do Forum Desporto Ética Sociedade (pp. 17-22). Porto: FCDEF-UP;
- Horne, J.; Tomlinson, A. & Whannel, G. (1999). *Understanding Sport – An Introduction to the Sociological and Cultural Analysis of Sport*. London and New York: E & FN Spon, an imprint of Routledge;



- Marivoet, S. (1998). *A Emergência de uma Nova Ética Para o Desporto do III Milénio* in Câmara Municipal de Oeiras & Livros Horizonte & Livros Horizonte (Eds.) *Desporto de Alta Competição Que Fair-Play?* (pp. 197-202). Lisboa: Horizonte;
- Martens, R.; Christina, R.; Harvey, J. & Sharkey, B. (1981). *Coaching Young Athletes*. Champaign - IL: Human Kinetics;
- Ping, W. (1993). *The Coaches Role in Coach-Athlete Relationship. A Social Psychological Perspective* in S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira & A. P. Brito (Eds.) *Actas do 8º Congresso Mundial de Psicologia do Desporto*. Lisboa (pp. 275-276);
- Romance, T. J. ; Weiss, M. R. & Bockoven, J. (1986). A Program to Promote Moral Development Through Elementary School Physical Education. *Journal of Teaching in Physical Education*, 5 (pp. 126-136);
- Santos, J. A. (1990). *Ética, Genética, Desporto e Sociedade. Desporto que Realidade Social* in J. Bento & A. Marques (Eds.) *Desporto, Ética, Sociedade - Actas do Forum Desporto Ética Sociedade* (pp. 152-160). Porto: FCDEF-UP;
- Serpa, S. (1995). *A Relação Pessoal na Díade Treinador-Athleta. Desenvolvimento e Aplicação de um Inventário de Comportamentos Ansiogénicos do Treinador*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana (UTL) (trabalho não publicado);
- Shields, D. L. L.; & Bredemeier, B. J. L. (1994). *Character Development and Physical Activity*. Champaign - IL: Human Kinetics;
- Silva, J. M. (1983). The Perceived Legitimacy of Rule Violating Behavior in Sport. *Journal of Sport Psychology*, 5 (pp. 438-448);
- Silva, P. (2000). *Espírito Desportivo e Agressividade. Um Estudo em Alunos do 2º e 3º Ciclo do ensino Básico*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana (UTL) (trabalho não publicado);
- Tabaku, D. (1998). *Relatos Nacionais - Albânia* in Câmara Municipal de Oeiras & Livros Horizonte (Eds.) *Desporto de Alta Competição Que Fair-Play?* (pp. 65-67). Lisboa: Horizonte;
- Wandzilac, T.; Carroll, T. & Ansorge, C. (1988). Values Development Through Physical Activity: Promoting Sportsmanlike Behaviors, and Moral Reasoning. *Journal of Teaching in Physical Education* 8(1) (pp. 13-22);
- Weinberg, R. S. & Gould, D. (1995). *Foundations of Sport and Exercise Psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics.